

Uma Peça de Liturgia Tridentina

Sermão de Frei Francisco Foreiro aos Padres conciliares

A 28 de Novembro de 1563, primeiro domingo do Advento, Frei Francisco Foreiro, dominicano que representava no Concílio a el-rei D. Sebastião e ao bispo de Silves, subiu ao púlpito da catedral de S. Virgílio, em Trento. Era uma espécie de consagração da fama que grangeara nas sessões de trabalho, onde brilhara pela competência e desenvoltura¹. O orador inflamado não desmereceu do teólogo frio e rigoroso. Tanto bastava para justificar que se imprimisse o sermão, no pensar do promotor da iniciativa, João Baptista Bozola:

«Haud hoc diffiteberis (scio) Tridentina ciuitas, tot insignibus murrhis ornata, totque fulgentissimis illustrata syderibus. Sed ut alias, et ardentissimas faces, et splendidissimas stellas omitam; quatenam iucundior, gratior, splendidior, admirabiliorue, tibi (amabo) visa fuit unquam, quam, cum pro rostris, et oratorum subsellio, illucescente Francisco Forerio, Olyssiponensi Planeta, perinde atque altero Mercurio, supra sanctiss. oecumenicam Synodum, rutilantissimis illius, permira pietate, grauitate, et amenitate refertis, oratorijs radijs ac gyris, tam dulciter ac lepidè ferireris. Aures permulcebant sane; sed animos, ac corda magis; Forerij illae de die Domini eiusque iudicio clarissimae illustrationes: adeo scitae, prudentes, et ad salutem appositae emittebantur. Sic coetus illius sacratissimi uiscera, et affectus, huius calore buliebant, cum acrius a vitijs revocaret, suauius

¹ Na questão da missa como sacrifício, Foreiro escandalizou meio mundo, motivando uma carta do bispo de Ventimiglia ao cardeal Borromeo e obrigando o compatriota Diogo de Paiva a pôr água na fervura, em intervenção posterior; cf. J. NUNES CARREIRA, *Filologia e crítica de Isaías no comentário de Francisco Foreiro*, Coimbra 1974, pp. 12-13.

cohortaretur ad uirtutem, uehementius humanam frangeret gloriam, ac detestaretur: ut de se singuli, christianam experirentur Metamorphosim in Deum, diuinis introrsum perfusis radijs, e lucidissimo, religiosissimo, doctissimo Forerio manantibus»².

Acrescia outra razão e outra fama: Francisco Foreiro impusera-se como exegeta consumado dentro e fora da aula conciliar. Não era apenas o «notável e altíssimo comentário» a Isaías³, publicado em Veneza no mesmo ano de 1563. Havia ainda os comentários «aos restantes profetas e aos livros de Job, David e Salomão (que o próprio confessa ter levado a bom porto) e faz (os eruditos) desejar vivamente que venham a lume, clamando ‘Foreiro, Foreiro!’»⁴. O editor do sermão louva a solidez dos comentários, tão eminentes na análise filológica dos termos hebraicos como na determinação do «sentido genuíno e literal (o único com que refutamos os herejes)», fazendo do autor uma autêntica enciclopédia⁵.

Não podia, pois, ficar na gaveta esta peça, concluem as considerações iniciais da carta dedicatória:

«Quocirca et ego, huius mirifico impulsus splendore, hanc pulcherrimam, maximeque plenam emolumenti orationem, chalcografis

² Da carta dedicatória ao Padre-Mestre da Ordem dos Pregadores, Vicente Justiano: «Não (estou certo) tal negarás, cidade de Trento, de tantos metais insignes ornada, de tantas luminosíssimas estrelas alumada. Mas, para não falar de outras faces ardentíssimas, (gostaria de saber) qual te foi alguma vez mais jucunda, graciosa, esplendente e admirável do que o Planeta olissiponense Francisco Foreiro, quando, luzindo ante as tribunas e o pódio de orador, qual outro Mercúrio, sobre o santíssimo concílio ecuménico, estavas tão docemente e airoso em festa com os rutilantíssimos raios e rodeios oratórios que se lhe atribuíam – piedade, gravidade e amenidade em sumo grau admiráveis. Amaciavam deveras os ouvidos, e ainda mais ânimos e corações. Essas brilhantíssimas ilustrações de Foreiro sobre o dia do Senhor irradiavam tão finas, prudentes e adequadas à salvação. De tal modo ferviam as entranhas e os afectos daquela sacratíssima assembleia ao calor dele — quando mais acremente afastava dos vícios, mais suavemente exortava à virtude, mais veementemente quebrava e detestava a glória humana — que todos experimentavam a metamorfose cristã em Deus, em virtude dos raios dardejados no íntimo, cuja fonte era o radiantíssimo, religiosíssimo, doutíssimo Foreiro».

³ *Iesaiae prophetae vetus et nova versio cum commentario, in quo utriusque ratio redditur, vulgatus interpres a plurimorum calumniis vindicatur; et loci omnes, quibus sana doctrina adversus haereticos, atque Iudaeos confirmari potest, summo studio, ac diligentia explicantur*; F. FRANCISCO FORERIO ULYSSIPONENSI S. Theologiae professore Dominicano et concionatore regio AUCTORE. Venetiis, ex officina Iordani Zileti, 1563.

⁴ «ut reliquos prophetarum, Iob, Dauidis, et Salomonis libros (quos ipse iam ad ripam duxisse testatur) foras emitti expetant maxime; Forerium, Forerium exclamantes;»

⁵ «facileque ipsum ἐγκυκλοπαιδείαν absoluisse arbitrentur».

imprimendam tradidi, ut eorum (saltem in hanc partem) desiderio facerem satis⁶».

I

As onze páginas⁷ corridas e compactas deixam-se estruturar com alguma probabilidade.

Irrompe o exórdio com o lema, *ex abrupto*: *Fac cum servo tuo secundum iudicium diligentium nomen tuum*⁸. Tema («dia do juízo final»), invocação aos «ilustríssimos senhores, santíssimos Padres, claríssimos oradores» e o pedido de protecção da Virgem concentram-se na primeira frase. A «captatio benevolentiae» (não obstante a proclamação da inutilidade daqueles títulos) e as razões da escolha desfilam comodamente por página e meia.

A primeira cesura indica-se claramente com as palavras: «Sit itaque hoc nostrae orationis initium» (p. 6). Sem sombra de dúvida, passou-se ao desenvolvimento do tema, que se espalha por oito páginas e meia e se articula em quatro painéis: I – caducidade dos títulos no dia de juízo (p. 6: meia página); II (cesura clara pelo tema e até pela grafia, p. 7: «SED AD DIEM iudicij nostra festinet oratio»⁹) – o dia de juízo (duas páginas); III – aprofundamento, começando com: «Liceat mihi quaeso, Patres, uobis, hac in re, quae sentio aperire»¹⁰ (quatro páginas); IV – Viragem positiva (uma página): os piedosos nada terão a temer: «Apropinquat redemptio uestra: Leuate capita uestra»¹¹. Toda a argumentação regressa ao lema, como que a fechar um círculo: *Fac cum servo tuo secundum iudicium diligentium nomen tuum* (pp. 13–14).

Resumo e peroração ocupam as últimas duas páginas, como creio deduzir-se sem esforço destas palavras iniciais: «Quod nam sit hoc iudicium Patres, ego iam plane (ut arbitrator) exposui»¹². Lá se martela o lema por três vezes, em dois casos com introdução enfática: «Dicam, igitur, Patres, et omnia ossa mea dicant: *fac cum servo tuo secundum iudicium diligentium nomen tuum*. . . dicamus omnes una voce atque consensu: *fac cum servo tuo secundum*

⁶ «Por isso é que eu movido pelo mirífico esplendor desse homem, dei a imprimir este belíssimo sermão pleno de máximo proveito, para (ao menos nesta parte) ir ao encontro do desejo deles (admiradores de Foreiro)».

⁷ Não numeradas. Aponto a paginação real (5–15 do opúsculo).

⁸ SI 119/118,124: «Age com o teu servo segundo o juízo dos que amam o teu nome» (p. 5).

⁹ «Mas venha o nosso sermão ao dia de juízo».

¹⁰ P. 8.

¹¹ «Aproxima-se a vossa redenção»; «levantai as vossas cabeças» (p. 13).

¹² «Que tal seja esse juízo, ó Padres, creio tê-lo exposto com toda a clareza» (p. 14).

iudicium nomen tuum»¹³. Não esquecendo a inutilidade de clamar pelo «templo do Senhor», não se cumpram os mandamentos (Jer 7), o sermão termina em tom positivo e confiante: «os que experimentam o juízo dos que amam o nome do Senhor» (lá regressa o lema no acorde final) podem sofrer durante esta vida, mas nada têm a temer no juízo final: «Haec patres carissimi, non sunt somnia; sed ex diuinis oraculis concepta ueritatis testimonia; quae, dum a pertinacibus, ac duris corde audiuntur: in testimonium illis dicta fuisse iudicari poterunt: a filiis autem regni, ut seipsos iudicantes, cum hoc mundo non pereunt: sed iudicium diligentium nomen domini experti, eandem cum ipsis recipiant beatitudinem: quo nos omnes perducatur, aeternus ille pater misericordiarum, qui cum filio et spiritu sancto est Deus benedictus in saecula. AMEN»¹⁴.

Poderá melhorar-se a divisão (se as partes III e IV se devem manter ou agupar, é debatível). Mas, à falta de outros critérios aplicáveis, a reconstituição da estrutura parece globalmente correcta.

II

Ressoam no sermão de Foreiro dois grandes temas da discussão teológica e pastoral da época e do Concílio: a justificação e a reforma da Igreja. A reforma protestante avançava na Europa, indiferente às proclamações de Trento. E estava para durar, não obstante pios desejos ou miragens, como se poderia entender da referência ao «flagelo que passa» (Is 28,18, p. 15). Não é, todavia, evidente o pensamento do pregador. Certo é que esse flagelo «não nos atingirá»¹⁵ e que «evitaremos a ira iminente que, declarada até agora pelo fogo das heresias, já brande a espada, já ‘retesa o arco’¹⁶, em que ‘preparou os vasos de morte’¹⁷.

¹³ «Que eu diga, pois, ó Padres, e digam todos os meus ossos: *Fac cum servo tuo secundum iudicium diligentium nomen tuum*. . . digamos todos em uníssono e em consenso: *Fac cum servo tuo secundum iudicium diligentium nomen tuum*» (p. 14).

¹⁴ «Isto não são sonhos, Padres caríssimos, mas testemunhos da verdade, concebidos por divina inspiração; que, enquanto ouvidos por pertinazes e duros de coração, poderão julgar-se ditos a eles em testemunho; ouvidos, porém, pelos filhos do reino, para que, julgando-se a si mesmos, não pereçam com este mundo; antes, experimentando ‘o juízo dos que amam o nome do Senhor’, recebam com eles a mesma bem-aventurança a que o eterno ‘Pai das misericórdias’ (2 Cor 1,3) nos conduza a todos, ele que é ‘Deus bendito pelos séculos’ (Rom 9,5) com o Filho e o Espírito Santo. AMEN» (p. 15).

¹⁵ «et ideo flagelum cum pertransierit non tanget nos» (p. 15).

¹⁶ Cf. Sl 7,13 (*ibidem*).

¹⁷ «Sic enim iram impendentem que haeresum igne hactenus declarata gladium iam uibrat, arcum iam tendit in quo parauit uasa euitabimus» (*ibidem*).

Com a assembleia de Trento, Foreiro rebate o *sola fide* dos reformadores protestantes, insistindo no «pela fé e pelas obras» católico. «Quis enim dubitat nihil damnationis esse iis qui sunt in Christo Iesu, eodem Paulo testificante? Sed ne quis impie existimaret illos esse in Christo dici, qui fide tantum Christo sunt imbuti, prudenter addidit: qui non secundum carnem ambulant. Qui enim secundum carnem ambulant (sicut alibi docet Apostolus) peribunt. Et ne quis decipiatur, carnis opera enumerat» (p. 7). – «Mas, não pensasse impiamente alguém que se podem dizer estar em Cristo os que só estão imbuídos da fé de Cristo, acrescenta prudentemente: ‘que não andam segundo a carne’¹⁸. Os que andam segundo a carne (como ensina o Apóstolo noutra passagem) perecerão¹⁹. E, não vá alguém enganar-se, enumera as ‘obras da carne’²⁰.

Só uma grande insensatez e desconhecimento do Evangelho, de S. Paulo e de toda a revelação não vê a necessidade das boas obras para a salvação. «O insânia de homens imprudentes! Que não pensam que são inumeráveis os que entram pela via da perdição, disso o próprio Senhor Nosso é testemunha²¹; e com a tempestade fortíssima a cair-lhes em cima ainda se prometem serenidade. Pois se os que não acreditam já estão julgados²², o juízo de Deus virá sobretudo para aqueles que ‘confessam a Deus’ com a boca mas o ‘negam com os factos’²³. Os que ensinam os outros (como diz Paulo) e a si mesmos não ensinam; que pregam contra o roubo e eles mesmos roubam; que dizem ser ilícito o adultério e eles mesmos cometem adultério; que abominam os ídolos e cometem sacrilégio; que se gloriam da lei e desonram a Deus prevaricando a lei²⁴. São os que (como se lê em David) ‘enumeram as justiças’ do Senhor e assumem a ‘aliança’ do Senhor com a sua ‘boca’, mas porque odiaram a disciplina e deitaram

¹⁸ Rom 8,1.

¹⁹ Adaptação de Rom 8,13: *si enim secundum carnem vixeritis, moriemini*, «se viverdes segundo a carne, morrerás».

²⁰ Gal 5,14-21.

²¹ Mt 7,13: *spatiosa est via quae ducit ad perditionem, et multi sunt qui intrant per eam*, «é larga a via que leva à ruína e são muitos os que entram por ela».

²² Cf. Jo 3,18.

²³ Tit 1,16.

²⁴ Boa adaptação de Rom 2,21-23, passando apenas para a 3ª pessoa do plural o que está na 2ª do singular.

para trás das costas as advertências do Senhor²⁵, esses têm de ouvir: ‘denuncio-te a ti e à estátua na tua cara’²⁶.

Por isso, os adverte deste modo: entendei isto, vós que esqueceis a Deus! Que sem dúvida conheceis a Deus, mas não o glorificais como Deus²⁷! Que honrais a Deus com os lábios, mas de coração estais longe de Deus²⁸! Que tendes mostras de piedade, mas negais a sua virtude²⁹! Entendei estas palavras (insisto), a saber, que haveis de ser acusados e julgados³⁰; ‘não seja que venha a roubar e não haja quem liberte’³¹» (p. 8).

Assaz sucinta é referência à reforma da Igreja. Aqui não se opõem as obras à fê, mas sim às «palavras» e aos «decretos»: «ne decretis tantummodo, et uerbis, reformationem ecclesiae circumcribatis... Cum enim Deum omnino placare necesse sit (nisi cum mundo uelimus interire), placari autem Deus ficta atque fucata reformatione non posset, sed potius irritetur...» (p. 15). – «Não vos limiteis a circunscrever a reforma da Igreja só em decretos e palavras... Sendo, pois, absolutamente necessário aplacar a Deus (se não queremos perecer com o mundo) e não podendo Deus aplacar-se com reforma fingida e de meias tintas, que mais o irritaria...»

III

O vasto rol de citações bíblicas expandido na pequena amostra até agora apresentada já dá um ideia do grande à-vontade de Foreiro no manuseio da Escritura. Em pouco mais de meia página sobre a necessidade das boas obras cita declaradamente Mateus (uma vez), João (uma vez), a Carta aos Romanos (cinco vezes), a 2ª Carta a Timóteo (uma vez), a Carta a Tito (uma vez); do Antigo Testamento Job (uma vez), Salmos (duas vezes) e Isaías (uma vez). Há ainda uma não declarada alusão a Gal 5,19-21, onde se enumeram as «obras da carne» e uma espécie de *lectio conflata* de Rom 8,1 (*qui non secundum carnem ambulant*) com Rom 8,13 (*si*

²⁵ Sl 50/49,17: *Tu vero odisti disciplinam / et proiecisti sermones meos retrosum.*

²⁶ Sl 50/49,21; cf. 16 (*Quare tu enarras iustitias meas, et assumis testamentum meum per os tuum*), também convertido da 2ª pessoa do singular à 3ª do plural.

²⁷ Cf. Rom 1,21.

²⁸ Cf. Is 29,13: *Et labiis suis glorificat me, cor autem eius (do povo) longe est a me.*

²⁹ 2 Tim 3,5: *habentes speciem quidem pietatis, virtutem autem eius abnegantes.*

³⁰ Cf. Sl 7,9: *Dominus iudicat populos.*

³¹ Sl 50/49,22; cf. Sl 7,3.

enim secundum carnem vixeritis, moriemini) no «Qui enim secundum carnem ambulant peribunt». *Ne quando rapiat* é de facto do Sl 7 (v.3), citado na margem, mas também se poderia, e talvez melhor, aduzir Sl 50/49,22, donde se tira a sentença completa: *ne quando rapiat et non sit qui eripiat*. Deste salmo se havia extraído, linhas atrás, a frase incisiva: *arguam te et statuam contra faciem tuam* (v. 21), depois de adaptar a 2ª pessoa do singular *enarras... assumis* (v. 16) à 3ª do plural: «qui enarrant iustitias Domini et assumunt testamentum eius per os suum». Citação de memória ou adaptação, se não as duas juntas, está em «qui Deum quidem ore confitentur, sed factis negant», onde se reproduz conteúdo e parcialmente forma de Tit 1,16: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant*; em «qui speciem quidem pietatis tenetis, sed uirtutem eius abnegatis» ecoa 2 Tim 3,5: *habentes speciem quidem pietatis, uirtutem autem eius abnegantes*. «Qui Deum quidem cognoscitis, sed non ut Deum glorificatis» assenta em Rom 1,21: *cum cognovissent Deum, non sicut Deum glorificaverunt*. Do mesmo modo, «qui labiis Deum honoratis, sed corde longe estis a Deo», retoma Is 29,13: *Et labiis suis glorificat me, cor autem eius longe est a me*. Não poderia ser mais perfeita a sequência e fraseologia de Rom 2 (vv. 21–23) na longa tirada contra os que agem contra o que apregoam: «qui alios docent (ut inquit Paulus) et seipsos non docent; qui praedicant non furandum, et ipsi furantur; qui dicunt non moechandum, et ipsi moechantur; qui abominantur idola, et sacrilegium faciunt; qui gloriantur in lege, et in praeuaricatione legis Deum inhonorant» (p. 8), onde apenas se adapta a 2ª pessoa do singular: *qui ergo alium doces, teipsum non doces; qui praedicas non furandum, furaris; qui dicis non moechandum, moecharis; qui abominaris idola, sacrilegium facis; qui in lege gloriaris, per praeuaricationem legis Deum inhonoras*. Citam-se explicitamente (só por capítulos) essas passagens.

Ao todo, são noventa lugares bíblicos assinalados na edição de Brescia (52 ocorrências do Novo Testamento e 38 do Antigo, não obstante o labor exegético de Francisco Foreiro se ter concentrado e esgotado neste). Talvez por causa da controvérsia teológica suscitada pela Reforma protestante, São Paulo leva a palma entre as autoridades neotestamentários (30 ocorrências, incluindo 3 passagens da Carta aos Hebreus), seguido ao longe pelos Sinópticos (16 ocorrências de Mateus e Lucas, nenhuma de Marcos). No Antigo Testamento sobressaem nitidamente os Salmos (15 ocorrências), seguidos de Isaías (6 ocorrências) e de Job (5). E ainda haveria a juntar as alusões não declaradas, com o que se chega ao notável ramalhete de 125 chamadas da Bíblia (41 do Antigo e 84 do Novo Testamento). Não há dúvida: o sermão, denso de doutrina, é um bem tecido florilégio de citações, alusões, adaptações e ressonâncias bíblicas, na suave cadência da Vulgata latina.

Curiosa é a distribuição do arsenal de argumentos da Escritura.

No exórdio, sobressai o Novo Testamento, sabiamente introduzido na primeira frase e primeira linha da «captatio benevolentiae»: com termos textuais de 2 Cor 11,19.17 (p. 5), contrapõe-se a sabedoria dos Padres conciliares («quum sitis ipsi sapientes») à insipiência do pregador («in insipientia mea»). Para logo se espraia na longa citação de 1 Tim 4,1-2: *testificor coram Deo et Christo Iesu, qui iudicaturus est uiuos et mortuos per aduentum ipsius et regnum eius: praedica verbum (ibidem)*. Admirável fidelidade à fonte para quem cita de memória – só a mal perceptível inversão «Christo Iesu» pelo textual *Iesu Christo*!

Na secção I, tem o Antigo Testamento domínio exclusivo. Entram os Salmos (p. 6), de memória: desprezando supérfluos *et* e substituindo *impium* por «improbum» e *sicut* por «supra»³²; ou reproduzindo correctamente a Vulgata³³. Em Job só uma vez se percebe a tradicional versão latina³⁴. No resto do sermão, dá-se sempre versão própria, como veremos mais abaixo.

Em II, avanta-se o Novo Testamento (19 citações declaradas, mas de facto 30 chamadas a terreiro; contra 6 do Antigo Testamento). Já o vimos com algum pormenor, pois é aqui que Foreiro trata da justificação, que salva no juízo final. O dia de Javé foi à partida (na primeira frase do tratamento) e de uma assentada identificado com o juízo final, em que «omnes nos manifestari oportet ante tribunal Christi» (p. 7)³⁵.

No corpo central do desenvolvimento (III) equilibram-se as referências: 15 explícitas (de facto 18) para o Novo Testamento; 15 para o Antigo. Os «sinais» escatológicos do evangelho do dia (Lc 21,25-55) evocaram textos «clássicos» do dia de Javé do Testamento Velho, como Is 13,10, Jl 3,10 (p. 11) e sobretudo Is 2 (p. 10), não fosse este capítulo ampla e cómoda porta de entrada para o tema. Não que aí ocorra o tópico na sua formulação mais típica e concentrada de יְהוָה יוֹם יוֹם³⁶. Mas a variação é mínima (*yôm l'Yhwh*³⁷) para o mesmo assunto, de modo que

³² SI 37/36,35-36: *Vidi improbum superexaltatum et elevatum supra cedros Libani, transivi et ecce non erat, quaesivi eum et non est inventus.*

³³ SI 49/48,17-18: *Ne timueris cum dives factus fuerit homo et cum multiplicata fuerit gloria domus eius: quoniam cum interierit non sumet omnia, neque descendet cum eo gloria eius.*

³⁴ Job 8,13: *Sic viae omnium qui obliviscuntur Deum*, mesmo assim substituindo *Sic* por «Tales sunt» (p. 6).

³⁵ 2 Cor 5,10 em reprodução exacta, se abstrairmos do *enim*.

³⁶ Dezaesseis ocorrências (Is 13,6.9; Ez 13,5; Jl 1,15; 2,1.11; 3,4; 4,14; Am 5,18.18.20; Abd 15; Sof 1,7.14.14; Mal 3,23).

³⁷ Is 2,12 (como Ez 30,3).

nem uma sucinta apresentação moderna pode dispensar a referência a Is 2 ³⁸.

Após rápida alusão à «íngrata e perversa natureza» dos que «ex Dei beneficio, argento, auro, equis et quadrigis abundant; et ad idola conversi, iis se prosternebant ut suplicarent» (p. 10)³⁹, puxa textualmente do conclusivo *Ne ergo dimittas eis*⁴⁰ e prossegue com a mais longa citação de todo o discurso (querido Isaías do comentário de tinta fresca!): *Ingrederere in petram, et abscondere in fossa humo, a facie timoris Domini et a gloria maiestatis eius. Oculi sublimis hominis humiliati sunt et incuruabitur altitudo uirorum; exaltabitur autem dominus solus, in die illa: quia dies domini exercituum, super omnem superbum, et excelsum, et super omnes cedros lybani sublimis et erectas, et super omnes quercus Basan, et super omnes montes excelsos, et super omnes colles eleuatos, et super omnem turrim excelsam, et super omnem murum munitum, et super omnes naues tharsis, et super omne quod uisu pulchrum est. Et introibunt in speluncas petrarum, et in uoragines terrae, a facie formidinis domini, et a gloria maiestatis eius, cum surrexerit percutere terram (ibidem)*⁴¹.

Semelhante é a situação da viragem positiva (IV) que antecede a peroração: 3 citações do Novo Testamento e 4 do Antigo. Para terminar com o domínio claro do Novo Testamento (11 ocorrências declaradas e 15 efectuadas, contra 7 do Antigo). Sendo Is 18 e Jer 7 as últimas citações declaradas, dir-se-ia que o sermão começa e acaba com o Antigo Testamento. Puro engano: há que temer o destino de Cafarnaum, imprecado em Lc 10,15 — «exaltada até aos céus, será precipitada no inferno»; mas confie-se no «Pai das misericórdias» (p. 15) que, com o Filho e o Espírito Santo, é 'Deus bendito' pelos séculos» (*ibidem*), com isso voltando a Paulo (2 Cor 1,3; Rom 9,5).

IV

Pregador de profissão (religiosa), teólogo por formação académica, Foreiro nem num sermão pôde esquecer ou pôr de parte o que, por

³⁸ Cf. G. VON RAD, *Theologie des Alten Testaments*, II, München ³1962, p. 125; J. CORBON-P. GRELOT, «Jour du Seigneur», em X. LÉON-DUFOUR (ed.), *Vocabulaire de théologie biblique*, Paris 1966, col. 499; E. JENNI, יוֹם Tag, em ID.-C. WESTERMANN (ed.) *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, I, München/Zürich 1971, col. 723, 726.

³⁹ Is 2,7-8: *Repleta est terra argento et auro, et non est finis thesaurorum eius. Et repleta est terra eius equis, et innumerabiles quadrigae eius. Et repleta est terra eius idolis. Opus manuum suarum adorauerunt.*

⁴⁰ Is 2,9.

⁴¹ Is 2,10-16.19 (omitindo 12c: *et super omnem arrogantem, et humiliabitur*).

vocação, escolha ou deleite próprio, era até à medula dos ossos — um exegeta e hebraísta do melhor quilate. Conhece a Escritura como os dedos das mãos. Passa dum Testamento ao outro, de São Paulo aos Sinópticos, a João, aos Actos e ao Apocalipse; do Pentateuco (Gênesis, Deuteronomio), aos livros históricos (Tobias), aos Salmos, aos sapienciais (Job, Eclesiastes, Sabedoria) e aos proféticos (Isaías, Jeremias, Oseias, Joel, Jonas, Habacuc). Obviamente, não era um sermão o sítio próprio para estadejar conhecimentos filológicos e críticos, em que Foreiro se revelara exímio. Atribuir, porém, todos os salmos a David (mesmo Sl 50/49, que o título dá a Asaf) e a Carta as Hebreus a São Paulo mostra até que ponto a crítica literária estava na infância.

O pregador-exegeta segue tridentinamente a Vulgata. Arrojos críticos ou abandonos provocatórios, nem pensar. Aceitavam-se sem problemas (se não passavam despercebidas) ligeiras alterações de quem cita de memória, por naturais e inofensivas, e as mais que legítimas adaptações ao auditório. No «Pater, ignosce illis, quia nesciunt quid faciunt» está a substância, embora não o teor, da passagem evangélica⁴². Mas quem sabe se «in timore et tremore» não substituiu *cum metu et tremore* (Fil 2,12, p. 8) pelo prazer retórico da assonância? E para quê manter hebraísmos que tinham passado ao grego e ao latim? Foreiro corrige sem dar nas vistas: o Filho do homem virá «com majestade» (p. 7; Mt 25,31: *in maiestate*); o «corpo humilde» será configurado ao «corpo resplandentíssimo» (p. 14) do Filho (Fil 3,21: *corpus humilitatis... corpori claritatis*). E, conhecedor da matéria, acrescenta «seu res suas» (p. 7) ao *sermone suos* de Sl 112/111,5, apontando uma valência semântica de כבוד. É tudo. No resto, «santa Vulgata!». Até em Isaías, de que fizera versão própria e cuidada. Tanto mais são de realçar as notáveis excepções.

Das cinco citações de Job⁴³ (19,25-26 é mais adaptado que citado), uma respeita a fraseologia da Vulgata: *Sic* (substituído por «Tales sunt») *viae eorum qui obliviscuntur Deum*⁴⁴; outra altera-a ligeiramente: «non peruertet iudicium» (p. 7)⁴⁵. Três deixam-na de propósito por versão própria do original hebraico. Vejamos as diferenças:

⁴² Lc 23,34: *Pater, dimitte illis: non enim sciunt quid faciunt* (p. 9).

⁴³ Talvez se explique esta excepção pela especial estima que Foreiro tinha pelo seu inédito comentário a Job. Lavrando um dia um incêndio no seu aposento, o frade apressou-se logo a perguntar se o comentário a Job tinha escapado; cf. J. NUNES CARREIRA, *o. c.*, p. 23.

⁴⁴ Job 8,13 (p. 6).

⁴⁵ Job 34,12: *Nec Omnipotens subvertet iudicium*.

Job 8,14b-15a

TM: וּבֵית עֲכָבִישׁ מִבִּטְחוֹ יִשְׁעַן עַל בָּתּוֹ וְלֹא יַעֲמֵד

Vulgata: *Et sicut tela araneorum fiducia eius.*

Innitetur super domum suam, et non stabit.

Foreiro: «domus aranei fiducia eius: firmabitur in illa et non consistet» (p. 6).

Com o original, o pregador-exegeta chama «casa» à «teia» da Vulgata e insiste no singular «de aranha», onde S. Jerónimo pusera o plural. O sentido não é muito alterado, embora um comentador moderno, traduzindo como Foreiro («a spider's house»), chame a atenção para a «casa» enquanto »propriedade ou riqueza total de uma pessoa»⁴⁶. Com Foreiro está também a versão moderna da Pleiade (E. Dhorme): «la securité une maisom d'araignée». Ao invés, tando o clássico Lutero («Spinnweb») como a moderna New English Bible («spider's web») caminham com a Vulgata.

Job 8,18

TM: אִם יִבְלַעְנוּ מִמֶּקְוֹמוֹ וּכְחַשׁ בּוֹ לֹא דֹאִיְחִיד

Vulgata: *Si absorberit eum de loco sua*

Negabit eum et dicet: Non novi te.

Foreiro: «Si praecipitatus fuerit de loco suo, dici in eum potest: non vidi te» (p. 7)

As duas versões latinas divergem notoriamente: no sentido e voz (activa/passiva) do primeiro verbo, no sentido do pronome (complemento directo/adversativo «contra ele») e na citação (novi/vidi).

Da meia dúzia de versões consultadas, só M.H. Pope⁴⁷ entende como Foreiro o primeiro verbo como passivo (*nip'al?*), sem dar a razão: «When he is swallowed up from his place». Mantendo a acepção de «engolir», aproxima-se da Vulgata e afasta-se do predecessor português. O «dici in eum potest», com ar de paráfrase por um simples verbo com complemento, não tem seguidores. Entende-se geralmente כַּחַשׁ como *pi'el* com o מִקְוֹמוֹ por sujeito (subentendido) e significado de «desmentir» (Pleiade: «celle-ci le renie»; Pope: «it disowns»; NEB: «which disowns»). Pouco antes de Foreiro, Lutero não estava tão certo («wird sie [seine Stätte] sich gegen ihn stellen») e certamente muito mais afastado do sentido que o pregador-exegeta português. Para além de ser gramaticalmente possível o sujeito indeterminado de כַּחַשׁ⁴⁸, «dizer-se (algo) contra alguém»

⁴⁶ M. H. POPE, *Job* (AB 15), Garden City, N.Y., 1965, p. 65.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 64.

⁴⁸ Cf. P. JOÜON, *Grammaire de l'hebreu biblique*, Rome 1947, p. 465 (§ 152d).

acrescentando a citação (Foreiro) não anda longe de «desmentir». Deixar *non novi te* por «non vidi te» é respeitar inteiramente o hebraico, como fazem Dhorme («je ne t'ai jamais vu!» e Pope («I never saw you»). Se versões clássicas (Lutero: «als kenne sie ihn nicht») e modernas (NEB: «I have never known you») do texto hebraico mantêm o «não te conheço» com a Vulgata, é que não vêem grande diferença de «não/nunca te vi».

Job 9,19

TM: **אם לכח אמיץ הנה ואם למשפט מי יועידיני**

Vulgata: *Si fortitudo quaeritur, robustissimus est si aequitas iudicii, nemo audet pro me testimonium dicere.*

Foreiro: «Si de fortitudine quaeritur, fortissimus est, et si de iustitia agitur, quis patrocinabitur mihi» (p. 8).

Mais uma vez a versão de Foreiro se aproxima muito mais do original do que a de S. Jerónimo. Note-se, além disso, a elegância estilística de não repetir o (subentendido) verbo hebraico: «quaeritur... agitur» (neste antecipando Dhorme). No «de fortitudine» (em vez de *fortitudo*) traduz-se correctamente o ל. Em vez da longa paráfrase *Nemo audet pro me testimonium dicere*, Foreiro é mais sucinto e mais fiel. Embora não seja ainda claro o sentido jurídico rigoroso do verbo עורר, Foreiro concorda substancialmente com os modernos (Dhorme: «s'il s'agit de jugement, qui l'assignera?»; NEB: «who can compel him to give a hearing»; Pope: «Who could arraign him?»). Lutero traduzia: «will man Recht, wer will mein Zeuge sein?».

E ainda estava para vir a intervenção mais profunda, em que a versão de Foreiro muito diverge da da Vulgata. É em Hab 3,8.

TM: **הבנהרים חרה יהוה אם בנהרים אפר אם בים עברתך**

Vulgata: *Numquid in fluminibus iratus es, Domine?*

Aut in fluminibus furor tuus?

Vel in mari indignatio tua?

Foreiro: «Nunquid in flumina irasceres, domine, aut in mare indignatio tua?» (p. 10).

«Contra os rios» e «contra o mar» (Foreiro) é, sem margem para dúvida, mais correcto que «nos rios», «no mar» (Vulgata). Não se trata do lugar onde se exerce a ira e a indignação de Javé, mas do objecto desses movimentos de alma. Outra vez temos Lutero («in der Flut... im Meer») mais próximo da versão latina e Foreiro mais conforme com as modernas (Dhorme: «contre les fleuves... contre la mer»; NEB: «with the streams... against the sea»). Também salta à vista que a Vulgata reproduz toda a extensão do texto hebraico e Foreiro o encurta. Mas quem está com a crítica moderna é Foreiro, não S. Jerónimo nem Lutero.

Este verte acriticamente os vocábulos e nem sempre a flexão verbal. É comparar o clássico germânico com um moderno que, por princípio, não mexe no *textus receptus*.

Lutero: «Warest du nicht zornig, Herr, in der Flut und dein Grimm in den Wassern, und dein Zorn in Meer?»

Pleiade: «est-ce contre les fleuves que Iahvé s'irrite? ta colère s'exerce-t-elle contre les fleuves, ta fureur contre la mer?»

Mas há sérias suspeitas de que o Texto Massorético está corrompido e necessita de correcção. Vejam-se as edições críticas BHK³ e BHS e a generalidade das versões modernas. Compare-se a de Lutero com esta, de G. Fohrer:

«Ist gegen Ströme dein Zorn entbrannt
-oder gegen das Meer dein Grimm?»⁴⁹

Ou com a da New English Bible:

«Art thou angry with the streams?
Is thy wrath against the sea, O LORD?»

Qualquer destas duas não faz mais nem diz mais que Foreiro. Todos começam por corrigir o texto que depois traduzem.

Sobre a construção global do sermão julguem os especialistas da retórica e da oratória sacra. O biblista é obviamente sensível à presença maciça da Escritura, manuseada com ardor e liberdade numa teia de citações *ipsis verbis*, correcções ligeiras, adaptações de circunstância e alterações profundas do teor da Vulgata. Pode estranhar-se que o pregador de Trento dispense generosamente os Padres da Igreja (referência única a Tertuliano, p. 8). O que mais admira é, em Job e Habacuc, trocar-se deliberadamente a versão da Vulgata por outra mais cuidada, a partir dos originais hebraicos. Aí estava o exegeta que acabava de aplicar tais critérios ao *Livro de Isaías*. Aqui está a grande coragem inovadora do dominicano português de Quinhentos. E num púlpito tridentino!

JOSÉ NUNES CARREIRA

⁴⁹ *Die Propheten des siebten Jahrhunderts* (Die Propheten des Alten Testaments, 2), Gütersloh 1974, p. 46, com a nota: «Ergänzender Zusatz und Doppelschreibung: Jahwe, oder gegen Ströme».